

Eletrificação Rural EM CAMPO O MAIOR PROGRAMA DO PAÍS



Na solenidade de assinatura em Brasília, o Governador do Estado José Richa, ladeado pelo Presidente da ELETROBRÁS, José Costa Cavalcanti e pelo Governador de Minas Gerais, Tancredo Neves.



O Presidente da COPEL assina o contrato. Ao seu lado, Mário Pena Bhering, Presidente da CEMIG.

O maior programa de eletrificação rural já desenvolvido no Brasil está sendo executado pelo Governo do Estado através da COPEL. Serão ligadas, no período 84/87 mais de 100 mil proprie-

dades rurais. Isto significa dobrar o atual número de beneficiados, elevando para mais de 40 por cento o total de propriedades do Paraná a desfrutar as vantagens da energia elétrica.

REDUÇÃO

O novo programa permite a sensível redução do custo da ligação rural, tendo em vista que a participação do proprietário cai para cerca de 40 por cento do total — nos programas anteriores ele arcava com 80 por cento do custo final.

A aplicação de nova tecnologia de construção de linhas com a utilização de materiais alternativos, permitiu que se reduzisse o valor final de uma ligação em cerca de 43 por cento. Enquanto isso, a COPEL continua estudos e experimentos que permitam, ainda neste programa, fornecer energia elétrica ao campo, com a mesma confiabilidade e segurança, porém a custos acessíveis às condições de vida do agricultor paranaense, que também leva no bojo as conseqüências da situação econômica nacional.

A parcela do custo da ligação que couber ao proprietário rural poderá ser financiada, pois conta com linhas de crédito especial da rede bancária. Ainda mais, a própria COPEL abriu um financiamento em até 480 dias, com entrada em 30 dias, mais 3 parcelas que vencem sucessivamente a cada 150 dias.

Considerando que o Paraná é responsável pela produção de grande parcela dos alimentos consumidos no Brasil e produtos destinados à exportação, a eletrificação rural é uma medida de justiça social. As facilidades propostas pelo programa de eletrificação auxiliarão para que essa meta seja atingida.

Cerca de um terço dos recursos que serão necessários para a execução do programa foi conseguido por empréstimo junto ao Banco Mundial — BIRD, em contrato assinado em Brasília no dia 14 de dezembro passado. O contrato, no valor de 104 milhões de dólares, foi rubricado pelo Governador José Richa, pelo Presidente da COPEL Ary Veloso Queiroz e o Diretor Administrativo-Financeiro, Francisco Gomide, com o aval do Ministério da Fazenda. Este empréstimo terá carência de 3 anos e meio e prazo de amortização de 11 anos e meio.

O custo total do programa paranaense de eletrificação atinge 271 milhões de dólares, dos quais 108 (cerca de 40%) cabem aos proprietários rurais. A COPEL arcará com os restantes 163 milhões, sendo 59 de recursos próprios e os 104 milhões financiados pelo Banco Mundial.

As metas estabelecidas no Plano de Ação do Governo José Richa prevêem a ligação de 88.373 consumidores rurais, propriamente ditos, e 49 mil consumidores situados em 130 pequenas localidades, assim considerados, porque têm na agricultura sua forma de vida.

MARA DE PONTA GROSSA

PÁG. 7



NO PARANÁ A VEZ DO AGRICULTOR



Na Lapa, a primeira reunião com futuros consumidores da zona rural.

O grande programa de eletrificação rural que a COPEL e o Governo do Estado desenvolverão durante este e os próximos três anos, teve seu início na localidade de São Bento, município da Lapa, quando cerca de 40 pretendentes a ligações reuniram-se para assinar o termo de participação no empreendimento.

Esta reunião, efetivada em 13 de janeiro, foi a primeira de uma série de outras, semelhantes, que ocorrem em todo o Estado. Proporcionando uma redução efetiva nos gastos do agricultor com sua ligação ao nível de 50 por cento dos custos, o Programa já vem atraindo a atenção de muitos proprietários rurais, mais de 100 mil dos quais terão, até 1987, luz elétrica em seus domicílios.

PERIFERIAS

Por outro lado, a COPEL está lançando, também neste início de ano, outro programa, este voltado aos moradores das periferias das cidades onde atua a Empresa. Batizado com o sugestivo nome de "Clic-Urbano", ou Campanha de Ligação de Consumidores, através dele serão atendidos cerca de 400 mil novos consumidores em todo o Estado, utilizando nova tecnologia de projeto com o objetivo de baratear ao máximo os custos das ligações, reduzindo ao mínimo — ou até mesmo eliminando, se possível — a participação financeira do interessado, conforme frisou o Presidente da Empresa, Ary Queiroz.

CONSELHO DE CONSUMIDORES

Facilitar e agilizar o relacionamento entre a COPEL e seu público consumidor: esta, a principal finalidade dos recém-criados Conselhos de Consumidores, instituídos no final de 1983 pela Diretoria da Empresa. Com a iniciativa, é pensamento da COPEL garantir condições para melhorar continuamente seus serviços, mediante uma forma direta de apreciação, esclarecimento e atendimento a sugestões, críticas, reclamações e reivindicações dos usuários.

Numa primeira etapa, está prevista a implantação de Conselhos nas cinco cidades-sede de Regionais

(Curitiba, Londrina, Maringá, Ponta Grossa e Cascavel).

Cada Conselho de Consumidores será integrado por elementos representantes de importantes segmentos da sociedade, num total de sete membros titulares e sete suplentes, e mais um Secretário Executivo, indicado pela COPEL, e que será o elo de ligação entre o colegiado e a Diretoria da Empresa.

As reuniões dos Conselhos comparecerão, sempre que possível, o Presidente e o Diretor de Distribuição da COPEL, e obrigatoriamente o Superintendente Regional da cidade-sede em questão.

ADMINISTRAÇÃO PARTICIPATIVA

Importante reunião foi promovida (13 de janeiro) pela Diretoria com a participação de assessores e gerentes da Empresa. Além de debater assuntos de interesse da COPEL e dos empregados, foram colhidas sugestões e experiências que pudessem contribuir para o aperfeiçoamento das atividades da COPEL.

Em função dos resultados positivos, outros encontros estão previstos para que se tornem foro de debates do qual possam surgir soluções para os problemas enfrentados pela Empresa e idéias para o constante aprimoramento dos ser-

viços. Ficou constituída, nessa primeira reunião, uma comissão para ouvir os empregados das diversas áreas e propor agendas e datas para as próximas reuniões.

As contribuições que cada empregado pode dar devem versar sobre assuntos como reivindicações do quadro funcional, melhoria dos serviços e do atendimento prestados ao consumidor, aumento de produtividade, aperfeiçoamento de procedimentos e métodos, inovações tecnológicas, reduções de custos e quaisquer outros de interesse geral para a Empresa e para seus empregados.



Resultados positivos garantem outras reuniões como esta.

UM NOME ESPECIAL



Márcio Mesquita (DDI), Odilon Trindade, Ary Queiroz (PRE) e Dalton Stencel.

O concurso "Sua idéia genial para um nome especial", lançado pela Empresa para batizar os programas de ligação de consumidores nas áreas rural e urbana, chegou ao seu final com a premiação dos vencedores. O Presidente Ary Queiroz e o Diretor de Distribuição, Márcio Mesquita, procederam a entrega dos cheques a Dalton Stencel (DDI) que sugeriu "CLIC" — Campanha de Ligação de Consumidores, e Odilon Trindade (SOE) com "PIRILAMPO", sugestão, aliás, enviada por cinco participantes, desempatada através de sorteio.

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA



COPEL

COPEL
INFORMACOES

Boletim bimestral editado pela Assessoria de Relações Públicas - ARP
Editoria e Arte Rua Coronel Dulcideo, 800, 10º andar - 80000 CURITIBA PARANÁ
Editor Responsável Rubens R. Habitzreuter - CONRRP Nº 342

AUTO CAIXA

Novo Serviço da Empresa

Mais um novo serviço da COPEL destinado a facilitar a vida dos consumidores foi lançado — com absoluto sucesso — na Capital do Estado. Trata-se do "Auto-Caixa", que nada mais é que uma urna coletora de valores e documentos, mas que está à disposição do público 24 horas por dia, inclusive domingos e feriados.



Localizado junto à Central de Atendimento, na Alameda Cabral 27, o Auto-Caixa é um serviço pessoal de atendimento ao público, e sua sistemática é a seguinte: de posse do documento de débito referente a qualquer serviço da COPEL (seja fatura de energia vencida ou não, taxas de serviço como ligação, vistoria, aferição de medidor, etc.), o consumidor apanha um envelope apropriado disponível no local, preenche os dados, coloca em seu interior as contas a serem pagas acompanhadas de cheque nominal à Empresa no valor total do débito, e insere este envelope na urna. Depois, aguarda o comprovante de pagamento que a COPEL vai enviar via Correio ou, se preferir, passa na Central de Atendimento para apanhá-lo pessoalmente.

Estas instruções também estão fixadas junto ao painel onde está instalado o Auto-Caixa, que comprova seu sucesso com uma excelente média de utilização: todos os dias, cerca de 15 consumidores beneficiam-se deste novo serviço, que em breve estará disponível também no interior do Estado.

ATENDIMENTO TELEFÔNICO



Desde o final do ano passado, 52 mil consumidores e uma população de 300 mil habitantes de Maringá, contam com o atendimento telefônico da COPEL, naquela agência.

Maior comodidade e rapidez de atendimento beneficiam toda aquela população. Basta ligar: de casa, do escritório, da rua.

REGISTROS

Por indicação do Secretário de Estado da Indústria e Comércio, Francisco Simeão Rodrigues Neto, o companheiro Cláudio Egídio de Carvalho participa da Comissão da Pequena e Média Empresa do Conselho Consultivo da Política Industrial e Comercial do Paraná — COIND.

da mesa térmica (banho-maria) do refeitório da usina. A mesa mantém constante a temperatura dos alimentos por tempo indeterminado. Material e mão-de-obra da casa. Custo insignificante. Bom apetite para todos.

MISSA



Agradecer e pedir bênçãos. Essas foram as intenções da Missa encomendada pela Diretoria, celebrada no dia 30 de dezembro na Igreja São Francisco de Paula, em Curitiba. Diretores, empregados e muitos familiares participaram da celebração.

CANUDO PRÁ ELES

Aderbal de Sena Cardoso (DPDM), Afonso Moro (STR), Ari José de Sá (DPSA), Eloi Popoliski (DPRH), Gercino Gama (SRC), Joel de Melo Bueno (SSU), Maria do Rocio Andretta Celli (SSE), formaram-se em Administração de Empresas na FESP, em 83. Parabéns!

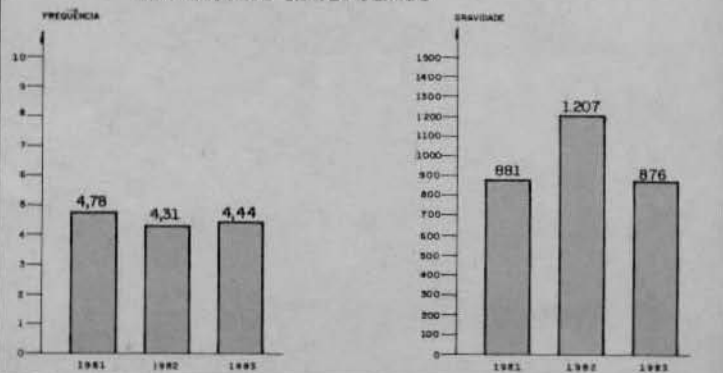
FOZ DO AREIA

De parabéns Emani e Milton com suas equipes, pela construção

CELINO MOURA PINTO, operador da Subestação Maringá, está agradecendo o apoio de todos os que se envolveram em campanha para arrecadar fundos que possibilitasse o deslocamento de seu filho até São Paulo para tratamento. "Agradeço a todos os amigos e colegas que de alguma forma me ajudaram, dando força, apoio moral e solidariedade, além de auxílio financeiro, com o que foi possível realizar todos os exames clínicos para tentar recuperar a audição de meu filho". CELINO, conte com a torcida de todos nós para que breve isso seja real.

ACIDENTES DO TRABALHO

TAXAS DE FREQUÊNCIA E GRAVIDADE
Dos anos de 1981/82/83



AS HISTÓRIAS DA COPEL

A Assessoria de Relações Públicas está ouvindo histórias acontecidas na COPEL e/ou com empregados. As "boas" comporão um livro a ser editado em breve.

Você que conta histórias de contar, faça-se presente. Escreva. Fale com a gente da Assessoria. Envie sua colaboração. Junte-se aos que já mandaram sua participação.

Tem cada história!

A sua não será melhor?

PARANAVAI - SURGE UMA

Tudo começou com o Ciclo do Café, fenômeno ao qual pode-se atribuir a paternidade de um sem número de (hoje) grandes cidades no Norte do Paraná. Paranavaí é um desses casos: situada numa grande e potencialmente rica região entre os rios Paraná e Paranapanema, próxima aos limites com o Estado do Mato Grosso do Sul, ainda no início do século XVI espanhóis e portugueses fizeram por ali suas primeiras incursões, quase que ao mesmo tempo e, por isso mesmo, travando suas primeiras lutas pela posse das terras. Dessa forma, uma miscelânea de castelhanos, portugueses e bandeirantes paulistas (estes a partir de 1501, quando começou o desbravamento do sertão guaireño), foi descobrindo, rasgando e povoando tão ricas terras, singrando rios, abrindo íngremes picadas e fixando povoados ao longo da viagem. São dessa época os primitivos caminhos conhecidos por Caminho de Peabiru ou São Tomé, Caminho Terrestre do Cubatão, Caminho Fluvial do Cubatão, de Itupava e do Arraial, e de Sorocaba, por onde transitaram, por anos a fio, os verdadeiros pioneiros.

Foi exatamente pela posse das terras que hoje constituem a prodigiosa Região Norte do Paraná que o Rei da Espanha, conhecedor das limitações impostas pelo Tratado de Tordesilhas, ordenou a seus súditos a invasão do território brasileiro (então domínio português) para que promovessem o povoamento junto aos aldeamentos indígenas, bem como a catequese e civilização dos silvícolas. Por volta de 1554, já existiam nas bacias dos rios Paranapanema, Ivaí, Tibagi, Piquiri e Paraná reduções jesuítas e povoados espanhóis de Ontiveros, Guaíra e Vila Rica do Espírito Santo. Toda a região que hoje constitui o Estado do Paraná era conhecida pela denominação de Província de Guaíra e pertencia ao Paraguai, ou seja, de domínio exclusivo dos espanhóis. Somente a partir de 1629, com a tomada e destruição dos centros de dominação espanhola pelas bandeiras paulistas de Manoel Preto e Antonio Raposo Tavares, foi que se conquistou para o Brasil toda a região compreendida entre as bacias dos rios Uruguai e Paraná, onde hoje estão os três Estados da Região Sul.

Com um salto de quatro séculos no tempo, vamos reencontrar Paranavaí embutida — porém esquecida — no turbilhão de colonização que envolveu o Norte do Paraná nas primeiras décadas dos anos 1900: à margem do processo, a região de Paranavaí, sucessivamente, foi



A Avenida Paraná, em 1951.

passando pela jurisdição das Comarcas de Tibagi, Londrina, Rolândia, Apucarana e Mandaguari. Até o ano de 1928, a região era completamente desabitada, compondo-se apenas de terras devolutas, de propriedade do Estado. Aí foi que se iniciou o povoamento e colonização: o primeiro núcleo fixou-se na antiga Fazenda Montoya (onde hoje é o Posto Zootécnico da Fazenda Experimental do Estado). Neste local, em 1930, já existia um Cartório de Registro Civil, o que leva a crer que a Fazenda Montoya, já àquela época, ostentava o "status" de distrito judiciário.

Por volta de 1930, o povoado deslocou-se em direção à Fazenda Brasileira (hoje a zona urbana do município), em cujas terras virgens foram plantados mais de 1 milhão de pés de café. A inesgotável prodigalidade da terra não tardou a atrair gente de todo o País: aventureiros, agricultores e oportunistas que, de uma forma ou outra, chegaram para contribuir no progresso da região. A Fazenda Brasileira surgiu sob a inspiração de um grande brasileiro chamado Lindolfo Collor, que mais tarde repassou-a à Braviaco. Mas quando maior era o

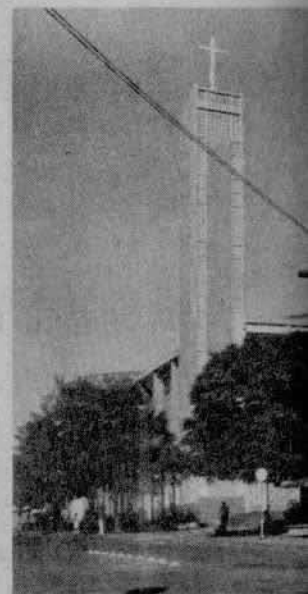
impulso progressista de toda a região, o Governo Estadual, para refrear as concessões não muito legais e indiscriminadas de lotes, suspendeu o repasse de terras e retomou o domínio das terras, em 1931, para autorizar novos loteamentos apenas em 1944.

Com o cessação ordenada em 31, houve verdadeiro êxodo da população, talvez em virtude da excessiva burocracia implantada para reprimir irregularidades. Como consequência, teve início a decadência, com os colonos abandonando o patrimônio conseguido a tão duras penas, debandando rumo a melhores lugares. O desânimo que se abateu sobre a então florescente região de Paranavaí foi tal que, em 1944, o distrito de Montoya (onde era a fazenda) tinha menos habitantes que ao início do surto de desenvolvimento, em 1930.

E o ano de 1944 surge na história de Paranavaí como o segundo e definitivo marco do desenvolvimento da região: um desenvolvimento em ímpeto e ritmo tão avassaladores que não pôde ser detido, sequer, pelas grandes geadas de 53 e 55, que arrasaram centenas de milhares de cafeeiros.



Nesta clareira, foi rezada a primeira missa em Paranavaí.



Naquele mesmo local, hoje,

METRÓPOLE NO NOROESTE



A mesma avenida, 33 anos depois.

Daí para a frente, a história é recente: a 14 de dezembro de 1951, pela Lei Estadual 790, foi criado o município de Paranavaí, desmembrado do de Mandaguari e instalado exatamente um ano depois. Seu primeiro Prefeito Municipal foi o médico José Vaz de Carvalho, que imprimiu tal velocidade ao desenvolvimento da cidade que já ao final de 53, pela Lei Estadual 1542, Paranavaí era elevada à categoria de Comarca de 2ª Entrância. Por volta de 1956, num concurso promovido pela Associação Brasileira de Municípios, Paranavaí obteve Diploma de Honra por ter sido classificado entre os cinco municípios de maior progresso e desenvolvimento em todo o Brasil.

À época de sua elevação a condição de município, Paranavaí possuía apenas dois distritos (Catarinenses e Porto São José). Porém, o vertiginoso progresso que tomou conta de toda aquela comunidade ensejou que a Lei Estadual 253, de 26 de novembro de 1954, desmembrasse de seu território para que tivessem vida autônoma áreas onde hoje estão implantados os municípios de Querência do Norte, Santa Cruz do Monte Castelo, Santa

Izabel do Ivaí, Loanda, Nova Londrina, Tamboara e São Carlos do Ivaí.

Paranavaí, hoje uma grande cidade (70 mil habitantes), sofreu na pele as agruras do esquecimento, cresceu como poucas cidades no Brasil e serviu de berço, inclusive, para outros grandes centros. Pólo econômico, social e cultural do Noroeste do Paraná, tem grandes extensões de terras ocupadas pela pecuária (perito de 130 mil cabeças), o que lhe garante expressiva posição, também, na produção regional de leite (250 mil litros) e importantes indústrias transformadoras e beneficiadoras de laticínios. Na agricultura, sua grande expressão hoje é o plantio de mandioca (há indústrias de farinha e também usinas para obtenção de álcool para fins carburantes), não esquecendo-se do café e arroz irrigado, igualmente importantes na sustentação da economia local.

ENERGIA ELÉTRICA

A história conhecida da eletrificação de Paranavaí remonta ao ano de 1956, quando o fornecimento de energia elétrica era feito por particulares através de grupos de geradores.

Destacaram-se na época a Serraria Regina Maria, Matarazzo e José Teruel. Bares e sorveterias possuíam suas próprias fontes de energia. A partir daquele ano, a Companhia Mista de Energia Elétrica (Comípara) instalava uma usina diesel com potência de 850 kVA, com dois geradores (um de 250 e outro de 600) para atendimento direto a aproximadamente 80 consumidores. Dois anos mais tarde, a mesma Comípara adquiriu mais dois grupos geradores de 600 kVA cada, passando a operar com potência máxima de 2.050 kVA.

Em meados de abril de 1964, a COPEL instalava a Subestação em 34,5 kV com 300 kVA de potência, que funcionava diariamente, mas apenas das 7 às 23 horas, sendo desligada à noite para não desgastar os equipamentos. No ano seguinte, esta subestação ganhou um transformador de 2.500 kVA de potência com que então a COPEL passou a ter condições de vender energia em grosso à Comípara.

Esta Comípara seria encampada em 1966, ano em que, também, era ligado mais um transformador de 2.500 kVA na subestação local, passando a COPEL a distribuir ela mesma energia elétrica na cidade de Paranavaí. No ano seguinte, melhorando seus serviços, a Empresa construiu dois novos alimentadores interligando-os à rede já existente da Comípara.

Convém ressaltar o tipo de rede que atendia os consumidores de Paranavaí e que foi recebida pela COPEL quando da encampação da antiga concessionária: era um misto de fio de cobre números 6 e 8 AWG, cabo 4 AL com alma de aço, fio de alumínio de amarração, postes de madeira farquejada, vigas e caibros no meio das quadras, com rede de fio de cobre isolado, e outros e diversos tipos, marcas, qualidades e substâncias de materiais. Em suma, uma rede bem diversificada.

Providenciada de imediato, a reforma da rede de alta tensão foi executada paulatinamente, sendo concluída apenas em 1972. Um ano depois, a COPEL construiu a subestação de 138 kV, com capacidade de 25.620 kVA, e com ela mais dois alimentadores, para fazer frente a crescente demanda verificada na região. Hoje, esta subestação dispõe de potência transformadora da ordem de 51.040 kVA, abastecendo de energia os 13.430 consumidores de Paranavaí, outros milhares em localidades vizinhas, e garantindo a continuidade do progresso de uma das mais importantes regiões do Paraná.



Avenida João XXIII e a Catedral de São Sebastião.



O escritório da COPEL, no centro da cidade.

OS CAMPEÕES ANONIMOS DA VELOCIDADE

Esses homens vivem conosco no dia-a-dia, sem que saibamos que lá fora, com muito esforço, eles brilham no atletismo, por amor a um esporte pouco divulgado. Empregado da medição do ED/Apucarana, JOSÉ CLÁUDIO GOMES, 29 anos, é Campeão Paranaense e está entre os 10 melhores do Brasil nos 1.500 metros. Em 7 anos de competição, Cláudio conquistou uma coleção de 25 troféus e 153 medalhas. O auxiliar técnico do DPRT de Londrina, LUIZ CAR-

LOS BORTOLOTTI, 25 anos, é um dos Campeões Regionais nas provas de fundo e em apenas dois anos de atletismo, já conquistou 5 troféus e 23 medalhas e a sua especialidade é a prova de 5.000 metros. Ao lado de Hoffbauer (ED/CPO), Eliazar (SE/ARI), e Alair (Foz do Areia), eles formam um grupo de campeões, desconhecidos até agora da maioria dos Copelianos.

DE CABO DO EXÉRCITO, A AFERIDOR NA COPEL



José Cláudio em ação numa das Olimpíadas da COPEL.

A vida de José Cláudio Gomes foi um tanto difícil. Nasceu na área rural de Califórnia, onde permaneceu trabalhando na lavoura até os 17 anos. Depois rumou para Apucarana, se engajou no Exército e foi promovido a Cabo, no 30º Batalhão de Infantaria Motorizada, tendo lá permanecido durante 6 anos. Convocado pela COPEL, foi admitido como aferidor de medidores em novembro de 78, desistindo da carreira militar. Casado, pai de 3 filhos, Cláudio diz que hoje o "atletismo chega, às vezes, a ser tão importante quanto a própria família, porque a dedicação é quase total, principalmente às vésperas de competições importantes". Ele treina atualmente 162 km por semana, tendo dias em que o treinamento atinge marca superior a 40 km.

Cursando o 5º período de Educação Física em Arapongas, é comum, muitas vezes, Cláudio percorrer os 21 km que o separam da vizinha cidade, correndo pela rodovia. Seu treinamento, dependendo da prova que participar, sofre variações. Seu primeiro treinador foi o professor Wanderlei Canassin, do Departamento de Esportes da Prefeitura de Apucarana. Atualmente é o Prof. Antonio Carlos Gomes, do mesmo Departamento, que lhe passa os treinamentos. Cláudio conta, hoje, com o patrocínio da Prefeitura e disse que graças a isso seu esforço vem sendo gradativamente reconhecido, porque Apucarana é o melhor centro do Estado em atletismo masculino.

Cláudio começou a correr após sua entrada para o Exército, mas não levava muito a sério, apesar de nas competições internas estar sempre entre os primeiros colocados. Em 77 começou a treinar sério e a competir, ocasião em que sofreu uma fratura na perna e teve que ficar um ano no estaleiro, só voltando a competir em 78. Logo após sua entrada na COPEL, participou no final de 78 da Olimpíada dos Servidores Públicos, representando a COPEL e alcançando o 3º lugar nos 1.500 metros.

DA SÃO SILVESTRE A LOS ANGELES

A partir de 79, Cláudio começou a colecionar os seus troféus e medalhas, principalmente representando Apucarana em Jogos Abertos do Paraná, realizados em Toledo, Apucarana, Umuarama e Ponta Grossa. Em 81, nos Jogos Universitários Paranaenses, foi Campeão nos 800 metros e vice nos 1.500 metros. Passou a integrar a Seleção Paranaense, mas naquele ano não pôde ir a São Luiz, no Maranhão, onde foi realizada a prova nacional, por problema de doença na família. Uma de suas melhores participações nacionais foi nos Jogos Universitários Brasileiros, em 1982, no Recife. Ficou em 3º lugar nos 1.500 metros, e 4º lugar nos 800 e 5.000 metros.

Na São Silvestre, em São Paulo, Cláudio teve duas participações importantes. Em 1980, competindo com cerca de 8 mil atletas de todo o mundo, ele ficou colocado na 72ª posição, ficando com o 18º lugar entre os brasileiros que participaram da prova. Em 81, na fase eliminatória da São Silvestre, alcançou o 13º lugar entre os brasileiros, para na prova final, ficar em 15º entre eles e no geral, entre os atletas de todo o mundo, alcançar a 64ª posição. No ano passado ele não foi para a São Silvestre, porque seu treinamento está sendo dirigido para o Troféu Brasil de Atletismo, que será realizado em Belo Horizonte.

Esta prova, aliás, é eliminatória para as Olimpíadas de Los Angeles, razão pela qual ele vem treinando com afinco para tentar alcançar o índice técnico e poder representar o Brasil numa competição mundial. Cláudio sabe das dificuldades que vai enfrentar, mas é otimista quando afirma que "vou encarar esta prova com responsabilidade para subir no pódio e alcançar o índice. Se não der, não vou desistir de tentar na próxima oportunidade".

O irmão de José Cláudio, Nelson José Gomes, também é um grande velocista e está entre os melhores atletas do Paraná nas corridas de fundo. O gosto pelo atletismo é tão grande, que Cláudio já vem treinando seu filho, de 7 anos, em velocidade e resistência, para que ele cresça em vantagem sobre os demais. Dá gosto ver o brilho dos seus olhos ao encarar a prateleira com os 25 troféus e 153



José Cláudio Gomes e sua galeria de troféus.

medalhas, que ele garante aumentar. Agora deve se especializar em provas de distância, inclusive maratona e 5.000 metros. Chances maiores sabe que terá, porque o colombiano Victor Mora, 4 vezes campeão da São Silvestre, tem 39 anos, 10 a mais que Cláudio, o que lhe deixa alguns anos para brilhar.

UM FUNDISTA DE PÉS CHEIOS



Bortolotti (Londrina).

O trocadilho da expressão cai como luva para o auxiliar técnico LUIZ CARLOS BORTOLOTTI, 25 anos, admitido na COPEL em agosto de 77 como eletricitista de rede, função que desempenhou até janeiro de 80. Segundo grau completo e vestibulando de Educação Física, Bortolotti se interessava, a princípio, apenas pelo futebol que jogava nos fins-de-semana e acompanhava os jogos do Santos e do Londrina, seus times de coração. Só que tinha uma mania diferente. Quando havia jogos nos finais de semana, ele dava uns piques no almoço e no final do expediente para manter a forma. Quando em 82 a COPEL precisou de atletas para a Olimpíada do Trabalhador, Bortolotti era um dos poucos em condições para o atletismo. Foi campeão no revezamento 4 x 100 metros, 4º nos 800 e 5º na mini-maratona, uma prova de 12 km.

A partir dessa experiência, tomou gosto pelas corridas e passou a treinar todos os dias. Como na época estava estudando o colegial, treinava um pouco no almoço, um pouco após as aulas e deixava o treinamento mais puxado para os finais de semana. Na maioria dos dias, voltava correndo com a bolsa na mão, do Colégio Positivo até o Parque Waldemar Hauer, praticamente atravessando a área central de Londrina pela Via Expressa. Esse percurso de 6 km, do colégio para casa, foi sendo aumentado gradativamente, assim como a participação em provas rústicas e de pistas.

Nesse ponto, Bortolotti se lembra de citar o José Cláudio (APA), que foi quem lhe passou o primeiro treino. E para provar suas condições, Bortolotti brilhou na Olimpíada Global do Trabalhador, em Curitiba/82, conquistando o título de campeão dos 5.000 metros,

uma prova que passou a ser a sua especialidade. Nesse mesmo ano, foi campeão da prova "João de Deus", realizada todos os anos em Cambé, no percurso de 8.300 metros. Também foi campeão das duas provas promovidas em Londrina pelo SESI: 3.600 metros em novembro/82 e 6.000 metros em agosto/83.

PENSANDO NA SÃO SILVESTRE

Ainda em 83, Bortolotti foi campeão dos 5.000 metros nos jogos de inverno inter-sociedades. Foi, no entanto, um período difícil, porque não tinha patrocínio algum e para viajar para outras cidades, até a gasolina era rachada com outros corredores amigos. Mas a persistência prevaleceu e os resultados foram despertando o interesse da família e dos companheiros de trabalho.

Esse interesse ficou evidenciado quando foi procurado por Hélio Guergoletto, companheiro de trabalho e um dos Diretores do Sindicato, que lhe ofereceu patrocínio. Bortolotti aceitou e a partir deste início de ano, passa a ter suas despesas de viagem e uniforme custeadas pelo Sindicato dos Trabalhadores nas



Com o campeão da São Silvestre/83, João da Matta, na prova em Apucarana.

Indústrias Urbanas. Ele afirma que agora fica mais tranqüilo, "porque existem, às vezes, duas ou três provas num só mês, num raio de 150 km ou mais, e o deslocamento ficava muito caro, obrigando a desistir de algumas". Agora, segundo ele, dá até para pensar na São Silvestre de 1984. Ele espera já ter adquirido maior experiência e programou um treinamento que possa oferecer condições para uma participação naquela prova.

COMPETIR FORA

Apesar de toda a importância que dispensa aos 5 troféus e 23 medalhas conquistados, Bortolotti acha que sua carreira de atleta está apenas começando e que suas possibilidades são bem maiores que as atuais. Por isso vem mantendo uma média de treinamento de 20 km por dia e sempre que possível, procura orientação do Prof. Paulo Roberto, da UEL e fisicultor do Londrina, um dos melhores preparadores físicos do País.

Ele explica: "Estou notando que estou melhorando a cada prova e, por isso, acho que tenho boas chances no atletismo. Só que ainda não competi fora do Estado para saber das minhas totais condições". Assim, Bortolotti todas as tardes bate o cartão e vai para a Via Expressa realizar o seu treinamento. Seus 25 anos e o fato de haver começado há apenas dois, são o atestado de que ainda há muito chão, cimento e areia a serem percorridos e que ainda há muitas fitas a serem rompidas.

Para esses moços, qualquer tapinha nas costas, de carinhoso incentivo, vale muito. Eles não podem correr o risco de continuar sendo os campeões anônimos da velocidade.

UMA FLOR DOS CAMPOS GERAIS

A MOÇA DA CAPA

EDELMARA HAISE — a Mara, como gosta de ser chamada — nasceu em Ponta Grossa, mora com sua mãe e um irmão. Na COPEL é a eficiente secretária da Superintendência Regional de Ponta Grossa. cursou o segundo grau no Regente Feijó, onde se formou em Administração Hospitalar. Depois, devido às circunstâncias, parou de estudar — além de ter de auxiliar em casa, livros, cadernos e cursos eram muito caros para quem não tinha muito.

Cedo descobriu que só dedicação e muito trabalho poderiam delinear melhores perspectivas para sua vida. E tudo começou a clarear quando entrou na COPEL.

Neste espaço, a Mara conta um pouco de sua vida — entre um soslaio de charme e graça e outro de efusiva alegria que sempre transmite...

Um bom baile poderia perfeitamente preencher o lazer de um final de semana, conta ela. Aprecia ouvir música, promover passeios e passar algum tempo numa piscina. Quando pode e a oportunidade aparece, gosta de viajar e curtir uma praia. Em casa, isso ela faz questão de frisar, domina e ajuda em todos os afazeres diários.

Há uma história que marcou muito a vida dessa "moça da capa". Faz exatamente um ano que viveu momentos muito difíceis. Talvez os mais difíceis de sua vida.

O carnaval estava terminando e a Mara voltava de uma chácara, onde havia ido com uma amiga, para descansar. Dirigindo seu Volkswagen amarelo, recém-comprado, que se não era totalmente novo, estava pelo menos muito bem cuidado pela jovem motorista.

A tentativa de fugir dos atropelos da festa de momo não evitou, infelizmente, que ela escapasse de grave acidente quando seu fusca capotou na estrada de acesso à cidade, após ter estourado um dos pneus. Do carro nada sobrou. Aliás, ficaram as prestações do financiamento que está terminando de pagar.

Para Mara foi um longo período de sofrimento — ficou cinco meses afastada do trabalho — que começou com a constatação de uma fratura de crânio e múltiplas escoriações. Sua companheira escapou com alguns arranhões e foi ela quem presenciou o drama da Mara que, estirada no asfalto, parecia morta.



Edelmara — simplesmente Mara — de Ponta Grossa.

"Eu nasci de novo" — conta ela hoje.

Sua recuperação física foi total. Resta a lembrança de um capítulo dolorido no livro de ainda poucas páginas de sua vida.

A COPEL

Mara sente-se realizada com o trabalho que faz. Iniciou na Empresa em fevereiro de 78, trabalhando na secretaria do DPRT. Três anos depois e até hoje, é secretária do Superintendente.

Gosta da função que desempenha e procura fazer tudo da melhor forma possível — aprimorando sempre o atendimento com novas técnicas e cursos. Sempre se tem muito a aprender, argumenta Mara.

Toda secretária — pondera Mara — deve ser amiga dos colegas, respeitar a todos e, principalmente, se fazer respeitar, além de desenvolver sempre mais a percepção de bem atender e entender as pessoas com quem se trabalha e convive.

Nos planos de Mara ganha forma a perspectiva de um curso superior, possivelmente de Letras - Inglês, o que virá representar importantes conhecimentos para seu trabalho que tanto gosta de executar.

REPIQUE

- ONTEM
- *Que não voltem os problemas.*
- **PROMOVA A LIBERDADE**
- *O melhor é conhecer o seu limite.*
- **A VIDA**
- *Valorização do ser. Da Natureza. Pensar no outro.*
- **INDIQUE A FELICIDADE**
- *O esforço para conseguir o que se quer e consegue. Além de saúde.*
- **SAUDADE**
- *De meu pai que perdi aos sete anos.*
- **SORRIR**
- *Para influenciar positivamente. Para transmitir simpatia.*
- **CHORAR**
- *Só quando se perde alguém querido. Por que mais?*
- **LEMBRANÇA BOA**
- *Sempre ter ido bem nos estudos. E encontrado um bom emprego.*
- **FAMÍLIA**
- *O todo da existência da gente.*
- **CHAME UM AMIGO**
- *Está tão difícil encontrar...*
- **DIFÍCIL**
- *Passar no vestibular e ter dinheiro.*
- **UM ABSURDO**
- *A inflação.*
- **NO FUTURO**
- *As coisas mais fáceis, menos problemas e desemprego.*
- **DECIFRE O AMOR**
- *Um sentimento muito escasso, embora o mais importante. Há muita confusão com esse amor que supera barreiras.*
- **UM PALPITE**
- *O tóxico é muito prejudicial para o mundo.*
- **CULINÁRIA**
- *Receita não tem segredo.*
- **AMANHÃ**
- *Cheio de alegrias, muita amizade e felicidade. Realizações plenas.*

NA COPEL, UM TROVADOR DOS PAMPAS

Em 1954, numa sala de aula qualquer do grupo escolar da cidade gaúcha de Ijuí, uma professora de Português, a pretexto de incentivar a fluência verbal de seus alunos, propõe à classe que todos decorem e declamem a poesia gauchesca "Meu Laço". Um dos alunos, particularmente, gostou da idéia e, além de decorar, ensaiou seguidamente sua interpretação. E a recompensa pelo empenho veio: foi escolhido o melhor de sua turma. Estava iniciada, aos 8 anos de idade, a carreira de declamador e trovador de Darci Marques Soares, motorista da Empresa há sete anos, e hoje consagrado em muitos rodeios, feiras e festas onde são cultuadas as tradições gaúchas.

Natural da cidade de Ijuí, no Rio Grande do Sul, Darci guarda com indisfarçável orgulho troféus e medalhas, arrebatados "no calor da refrega" e também no calor ambiente: como mandam as melhores tradições gauchescas, declamadores e trovadores, nos rodeios crioulos, apresentam-se devidamente "pilchados". — "A pilcha do gaúcho mesmo não dispensa a bombacha, guaiaca, pala e o lenço; o chapéu ou a boina servem de complemento. As botas, de cano alto e sem zíper ou cadarço, são indispensáveis". Segundo Darci, "de vez em quando aparecem alguns gaúchos de esporas prateadas e relho na mão para fazer farol, e sem querer acabam oferecendo um mote decisivo para o parceiro durante a trova repentista: usam relho e esporas, mas só andam de carro. São gaúchos que nunca subiram no lombo de um tordilho".

Da sala de aula em Ijuí até os prêmios que costuma conquistar todos os anos, a ponto de ser impedido de concorrer em alguns concursos, comparecendo apenas como atração, a carreira de Darci vai encontrar um intervalo de muitos anos. Embora sempre preparando e ensaiando novas poesias, Darci só foi reencontrar-se com a trova e o verso, em público, no ano de 1979, depois de haver passado por Caxias do Sul (onde conheceu e casou-se com dona Vera) e Rio Negro, até chegar a Curitiba. E a carreira reiniciou-se por acidente: reunido com outros motoristas no Departamento de Transportes, e conversando acerca de programas gauchescos da televisão, Darci foi convidado a participar de uma aposta: se ele (Darci) conseguisse apresentar-se na TV, ganhava. E lá foi ele. E conseguiu. E impressionou tanto a produção do programa que, imediatamente, foi convidado a representar o canal de televisão num rodeio em Quitandinha.

Darci concorreu, pela primeira vez, e conquistou os primeiros lugares, tanto na declamação quanto na trova, batendo concorrentes tão bons e mais experientes que ele. Daí para a frente, ganhar concursos em tertúlias virou rotina: em 1980, primeiro lugar na declamação nos rodeios de Itaiacoca (Ponta Grossa) e Palmeira, e um segundo no de São José dos Pinhais; em 1981, primeiro lugar na declamação em Ribeirão Vermelho (Campo do Tenente) e primeiro na trova de São Luiz do Purunã (o mais tradicional rodeio de todo o Paraná). Em 1982, o primeiro na declamação no rodeio da Lapa e primeiro na trova em Mafra e no Parque Castelo Branco, em Curitiba; no ano passado, mais dois primeiros lugares na trova nos rodeios da Lapa e de São Mateus do Sul.

Porém, o maior orgulho de Darci não foi nenhum desses prêmios conquistados quase que seguidamente: com saudade, ele lembra o Rodeio Internacional de Vacaria, no Rio



O gaúcho Darci, devidamente pilchado e de cuiá em punho.

Grande, quando enfrentou 85 candidatos das mais diversas procedências (alguns até bastante famosos na arte de declamar) e ficou com um nono lugar "bastante honroso nas circunstâncias", explica.

O seu único segundo lugar, em São José dos Pinhais, também foi fruto de circunstâncias. Darci define-se como uma pessoa "altamente emotiva", e todas as poesias gauchescas, de uma forma ou de outra (e valendo aí, também, a força de interpretação do declamador), giram em torno de temas bastante afetos aos gaúchos e que, sentimentalmente, acabam tocando a sensibilidade do ouvinte: — "Apesar de acostumado, tem uma poesia "Oração de um Posteiro", a minha favorita que pela singeleza faz muita gente chorar, e às vezes eu mesmo acabo me emocionando, e choro também. Em São José aconteceu isso: na final, na decisão do primeiro lugar, eu chorei. E com a voz embargada, quase não consegui terminar a declamação. Perdi!".

Quem conhece um pouco das tradições gaúchas mais puras, mais cultivadas, sabe como é a maioria das poesias compostas para serem declamadas nos rincões, esquinas e coxilhas, ao pé da fogueira onde repousa a chaleira, prenhe de água fervente para cevar o mate amargo: são poesias de termos não muito usuais nas comunidades cosmopolitas e que primam, acima de tudo, pela emotividade do tema e pela extensão da composição. Há poesias, como "A Peleia", que Darci tem decorada, com cerca de vinte estrofes, e que aos ouvidos do espectador menos acostumado parecem não ter mais fim.

São poesias que exigem — pelo menos no caso do Darci — dois meses para serem preparadas: entre a primeira leitura e a apresentação, são necessários trinta dias para decorar, e outros tantos para ensaiar empostação de voz, interpretação e outras sutilezas.

Seu repertório já abriga, hoje, 40 poesias perfeitamente decoradas e prontas para serem declamadas. Entre elas, "Tio Anastácio", quem sabe o marco inicial para qualquer declamador por ser uma das mais famosas (16 estrofes), "Oração de um Posteiro" (12 estrofes de 10 versos cada) e "A Última Carreta" (12 estrofes). Não é pouca coisa, ainda mais para uma pessoa que dedica à arte apenas seus momentos de folga.



Sua coleção de troféus; o último conquistado ainda não foi mandado.